



**ARTIGOS  
TECNICOS**

## SITUAÇÃO DO ABASTECIMENTO DE CEBOLA NO BRASIL

Waldemar Pires de Camargo Filho

O extenso território brasileiro engloba regiões com diferenças geográficas, climáticas, sócio-econômicas, bem como, ainda, com crescimento econômico desigual. Esses fatores são influentes, dentre outros, nos sistemas de produção agrícola, o que é observável, também, no sistema de produção da cebola.

O cultivo de bulbos nos anos setenta apresentou expansão significativa na área cultivada. Esse acréscimo não se deu de maneira uniforme; algumas regiões tiveram aumentos positivos e contínuos que consolidaram sua posição de grande produtora, enquanto outras chegaram, até mesmo, a decréscimos na área cultivada e na produção.

Considerando o volume produzido nos anos 1970 a 1979, os sete maiores produtores de cebola no Brasil são: Rio Grande do Sul, São Paulo, Pernambuco, Santa Catarina, Paraná, Bahia e Minas Gerais (quadro 1). O volume produzido nesses estados tem-se mantido na ordem de 98% do total do País durante o período.

Contudo, quando se confronta os quinquênios 1970/74 e 1975/79, nos Estados de São Paulo, Pernambuco e Santa Catarina, observa-se aumento da sua participação sobre o total. Assim, em conjunto, sua área cultivada evoluiu de 35% para 42% e sua produção, que no primeiro quinquênio era de 37% do total, atingiu 55% no segundo quinquênio, o que mostra, também, ganhos expressivos de produtividade (quadro 2). Cumpre frisar que os dados anteriormente apresentados não englobavam a produção da safra de "sequeira", que teve aumento significativo na década.

Dessa forma, esses estados brasileiros que tiveram melhor performance no período, com um acréscimo aproximado de 21% na área cultivada, obtiveram um aumento de 116% na produção, ou seja, esta mais que duplicou nos dois quinquênios.

O Estado do Rio Grande do Sul, que mantinha a hegemonia da produção no País desde os primórdios, praticamente se estabilizou em área cultivada e produção. Comparando-se os dois períodos em análise, houve apenas 10% de aumento na área e 5% na produção, com queda na produtividade. Em média, a participação deste Estado, que era cerca de 44% do total produzido no País no primeiro quinquênio, passou a ser de 31% no segundo.

Os Estados da Bahia e Paraná tiveram ganhos mínimos, de modo que a sua cebolicultura praticamente se estabilizou, enquanto que Minas Gerais teve área e produção diminuídas, apesar da pequena melhora na produtividade. A produção brasileira no segundo quinquênio foi ao redor de

QUADRO 1. - Distribuição da Produção de Cebola no Brasil, 1970-1979 (1)

Ano	Região Rio Grande do Sul			São Paulo (2)			Pernambuco			Santa Catarina			Paraná			Bahia			Minas Gerais			Brasil	
	A	P	%	A	P	%	A	P	%	A	P	%	A	P	%	A	P	%	A	P	%	A	P
1970	18.986	129.343	45,4	10.224	49.559	17,4	3.640	30.503	10,7	3.200	18.684	6,6	6.974	25.929	6,6	1.850	8.230	2,9	4.830	15.730	5,5	51.719	284.603
1971	18.657	133.551	46,4	10.584	49.715	17,3	4.061	26.433	9,2	3.164	18.457	6,6	6.791	25.215	6,4	2.170	10.590	3,7	4.238	16.650	5,8	51.749	280.555
1972	17.743	119.227	42,3	10.821	52.349	18,6	3.969	31.054	11,0	3.138	18.129	6,4	7.057	24.728	6,4	2.270	11.390	4,0	4.168	17.808	6,3	51.197	281.633
1973	19.592	138.533	45,2	11.973	72.203	23,5	3.050	28.114	9,2	3.932	23.478	7,7	5.345	17.642	7,6	2.185	10.964	3,6	1.744	9.602	3,1	49.303	306.648
1974	19.212	135.808	40,4	10.800	75.600	22,5	2.520	22.680	6,7	5.590	42.648	12,7	8.230	32.097	12,8	2.850	12.825	3,8	2.400	11.520	3,4	52.890	336.220
70/74	18.838	131.284	43,9	10.881	59.886	20,0	3.450	27.756	9,3	3.804	24.279	8,1	6.879	25.122	8,4	2.265	10.799	3,6	3.476	14.262	4,8	51.371	299.331
1975	19.029	135.700	38,9	11.700	99.000	28,4	1.798	15.276	4,4	5.030	38.090	10,9	9.160	34.817	9,1	2.200	10.230	2,9	2.179	9.938	2,8	52.420	348.510
1976	19.900	135.790	31,6	11.900	119.600	27,8	5.660	69.731	16,2	5.934	42.899	10,0	7.028	25.811	8,8	2.180	10.137	3,7	2.122	9.775	2,2	57.140	430.146
1977	22.500	148.200	30,3	10.400	115.500	23,6	5.449	70.728	14,5	6.846	49.794	10,2	6.920	24.588	8,8	2.200	10.428	4,0	2.113	10.971	2,2	57.000	435.000
1978	19.800	118.500	24,2	10.680	143.900	29,3	5.227	53.420	10,9	5.724	47.129	9,6	4.376	16.655	5,7	2.400	12.960	3,6	1.938	11.377	2,3	51.700	410.000
1979(3)	22.500	150.700	22,5	13.310	198.300	29,6	4.100	49.200	7,3	10.660	94.017	14,0	6.223	35.671	9,5	2.400	22.860	3,8	1.905	11.357	1,7		570.076
75/79	20.745	137.778	31,4	11.598	135.260	30,8	4.446	51.671	11,8	6.840	54.385	12,4	6.741	27.508	6,3	2.276	13.323	3,0	2.051	10.683	2,4		438.747

(1) A = Área cultivada em hectares.

P = Produção em toneladas.

% = Participação sobre o total nacional.

(2) Não foi considerada produção "soqueira" do Estado.

(3) As estimativas de área e produção para o ano de 1979 foram baseadas no 4º levantamento da FIBGE para o Brasil e outros Estados; para São Paulo basearam-se no 3º cálculo de estimativa de safra.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil e Estados) e Instituto de Economia Agrícola (São Paulo).

QUADRO 2. - Produtividade de Cebola nos Principais Estados Produtores e no Brasil, 1970-79  
(kg/ha)

Ano	Rio Grande do Sul	São Paulo	Pernambuco	Santa Catarina	Paraná	Bahia	Minas Gerais	Brasil
1970	6.812	4.848	8.379	5.839	3.718	4.440	3.250	5.503
1971	7.156	4.698	6.496	5.833	3.713	8.430	3.929	5.557
1972	6.719	4.838	7.824	5.777	3.504	5.018	4.273	5.501
1973	7.126	6.031	9.218	5.971	3.301	5.020	5.510	6.220
1974	7.068	7.000	9.000	7.629	3.900	4.500	4.800	6.387
1970/74	6.977	5.481	8.184	6.210	3.628	5.482	4.353	5.834
1975	7.131	8.462	8.496	7.572	3.801	4.650	4.560	6.648
1976	6.819	10.051	12.320	7.229	3.673	4.650	4.607	7.528
1977	6.587	11.106	12.980	7.273	3.553	4.740	5.192	7.630
1978	5.985	13.474	10.220	8.234	3.806	5.400	5.870	7.930
1979 <sup>(2)</sup>	6.698	14.899	12.000	8.812	5.732	9.525	8.962	
1975/79	6.644	11.599	11.204	7.824	4.113	5.793	5.839	7.434 <sup>(3)</sup>

<sup>(1)</sup> Não foi considerada a produção "soqueira" do Estado.

<sup>(2)</sup> As estimativas de área e produção para o ano de 1979 foram baseadas no 4º levantamento da FIBGE para o Brasil e outros Estados ; para São Paulo baseou-se no 3º cálculo de estimativa de safra.

<sup>(3)</sup> Média de 1975/78.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil e Estados) e Instituto de Economia Agrícola (São Paulo).

47% maior que a do primeiro, enquanto a produtividade média por hectare foi aproximadamente 21% superior (quadro 2).

Quanto aos períodos de produção, eles têm sofrido algumas mudanças devido a fatores de origem fito-sanitária e proximidade dos mercados, os quais, dentre outros, provocaram transformações no que se refere ao volume e época de abastecimento. No início dos anos setenta, o padrão da variação estacional dos preços de cebola no mercado atacadista da Cidade de São Paulo era bem definido, com pique de preços em julho. Por outro lado, nos meses de dezembro e janeiro registravam-se as mais baixas cotações de cebola. Considerando-se os preços médios anuais, no período de outubro a março esses preços mensais situavam-se abaixo da média e no restante do ano situavam-se acima. Portanto, o período de preços baixos correspondia à época da produção de cebola baía piriforme, quando se observavam os maiores problemas de comercialização. O Estado do Rio Grande abastecia predominantemente os grandes centros populacionais do País, de fevereiro a julho, com bulbos estocados; a cebola "soqueira", com pequena produção, auxiliava nos meses de maio e junho. O período de agosto a outubro se reservava às produções de claras precoces (variedades: Canárias, Excel Bermuda, Texas Early Grano 502 ou maravilhosa) oriundas de Pernambuco, São Paulo e Bahia.

Ao final dos anos setenta, observa-se estagnação no volume de bulbos produzidos no Rio Grande do Sul e algumas safras com problemas fito-sanitários que afetam, inclusive, a produção de semente de cebola. Assim, os estoques gaúchos perderam a hegemonia no mercado, sendo que a cebola catarinense e a "soqueira" firmaram-se no abastecimento nacional. Santa Catarina aumentou cerca de 124%, baseando-se nos quintos inicial e final do período, enquanto a "soqueira", que no Município de Piedade mantinha cerca de 70% da produção regional, teve um acréscimo de 91% no mesmo período. A distribuição e os períodos se alteravam, fazendo com que a cebola do Rio Grande do Sul e Santa Catarina predominassem no mercado de janeiro a abril; maio e junho se reservavam à produção de "soqueira".

Em vista dessas alterações no primeiro semestre, a produção de cebolas "claras precoces" e seus híbridos, cuja semente é importada, teve sua intensidade de produção deslocada. Antes era notório o abastecimento com "claras precoces" de agosto a outubro; atualmente a quantidade ofertada cresce, deslocando-se para o mês de julho, ou seja, existe uma antecipação no plantio para se tentar um preço mais satisfatório. Com isto, o abastecimento dos meses de outubro e novembro, que era realizado com bulbos daquelas variedades, passa a ser também feito com cebola "baía piriforme".

Essa reestruturação da época de oferta de cebola no Brasil se deu, em parte, devido à estagnação no volume produzido no Rio Grande do Sul, com a qualidade dos bulbos prejudicada e a quase extinção do

cultivo de cebolas tardias, que suportam muito mais o armazenamento, auxiliada ainda pela exígua produção de sementes "baia piriforme".

Na produção de sementes de cebola, o volume produzido pelo estado gaúcho teve poucos acréscimos, embora existissem esforços que redundaram em expansão da área cultivada.

Talvez as dificuldades na produção de semente "baia piriforme" sejam os principais fatores que aceleraram a importação de sementes de cebola procedentes dos Estados Unidos e Ilhas Canárias.

As entradas dessas sementes "claras precoces", sem um controle rígido no volume e na qualidade, causaram sérias dificuldades à cebolicultura nacional. De um lado, certos lotes com poder germinativo a baixo das especificações e um número amplo de variedades, nem todas testadas, causaram prejuízos diretos aos agricultores. De outro lado, o volume de entrada assegurou uma expansão bastante grande na área cultivada, resultando em excesso de oferta e deixando de remunerar convenientemente os cebolicultores. Apesar dos tropeços na produção, as "claras precoces" estão se expandindo, proporcionalmente, um pouco mais que as "baías piriformes" no contexto nacional, o que resulta em maiores volumes de importações de semente e aumento de dificuldades no abastecimento. Esta insegurança com problemas na comercialização, com preço exageradamente baixo ou muito alto, se deve em grande parte à resposta da produção de "claras precoces" aos preços, ou seja, o estímulo que os preços provocam na sua área cultivada é mais intenso que nas regiões produtoras de "baia piriforme". Adicionado a isso tem-se ainda um produto de maior perecibilidade.

Do ângulo da pesquisa genética a nível nacional, não apareceram grandes novidades no que se refere a variedades de cebola que se encontram no mercado, exceção feita à variedade "baia piriforme precoce Piracicaba", melhorada no Instituto de Genética da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo, pelo saudoso e ilustre cientista, professor Marcílio Dias. Esta variedade teve a finalidade de suprir a falta de bulbinhos para o plantio em fevereiro, visto que nessa época eram cultivados na região de Piedade os bulbos de baixo valor comercial, com intenção de se colher na entressafra.

Atualmente, esta variedade, resistente ao frio (floração), com ótimo formato e coloração, é intensamente cultivada na região de Piedade, quer produzida por meios da cultura de bulbinhos ("soqueira"), quer para o cultivo de cebola de muda.

Do ponto de vista da política agrícola do setor, nada foi realizado, a não ser uma suspensão de importação de julho de 1975 a início de 1978.

Dessa forma, é notável a expansão do setor, às suas expensas, com tropeços, saltos, euforia ou apatia, mas dificilmente com um programa para ser executado com firmeza e decisão, planejado e com objetivo racional do ponto de vista da eficiência operacional da produção e comercialização, a nível nacional.